




Histórias de vida e o Vera

Sim, sim e sim



Maria Stela Fortes Barbieri (Stelinha)

Assessora de Artes (G5, 1^o e 2^o ano)

A woman with short dark hair, wearing glasses and a patterned scarf, is sitting on a chair outdoors. She is smiling and looking towards the camera. The background shows a paved area and some foliage. The image is overlaid with a semi-transparent dark rectangle containing text.

A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nós orgulhar nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

Escola Vera Cruz

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

Histórias de Vida e o Vera

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

Claudia Cavalcanti (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan (Casa Vera Cruz)**

Revisão: **Iara Arakaki (Casa Vera Cruz)**

Pesquisa de imagens/Acervo Vera Cruz:

Alexandre Leite (Biblioteca Geral)

Apoio: **Araceli de Carvalho (Casa Vera Cruz)**

e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

Suzana Lopes Salgado Ribeiro (Fala Escrita)

Transcritoras: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Luciana Gomes de Oliveira, Marcela Boni e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo: **André Nascimento e Luís Guilherme Lima**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Stelinha começou a trabalhar no Vera em 1988.
Ela se despediu da Escola em 2018

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Unidade Vila Ipojuca da Escola Vera Cruz, em abril e maio de 2023.

De Araraquara...

Nasci e vivi em Araraquara até os 16 anos. Quando entrei na faculdade, fui morar em Campinas. A princípio, eu queria ser jornalista e escritora, mas eu já era artista. Fazia muitos trabalhos de arte. E era *baby-sitter* em Araraquara, uma coisa que não existia na época; eu ficava com as crianças para os pais irem passear. Em Campinas, fazendo jornalismo ainda, fui trabalhar na Escola do Sítio, uma escola rural alternativa perto da Unicamp. E me apaixonei pela escola. Ao mesmo tempo, comecei a fazer estágio e um museu. Então, desde o início, eu trabalhava em escola e em museus. Fiz estágio no Museu de Arte Contemporânea de Campinas.

Quando eu estava no meio desses estágios, comecei a perceber que o jornalismo não era o que eu queria fazer. Eu tinha um coletivo de artistas que se chamava Nós no Espaço. A gente fazia intervenções urbanas, e, um dia, uma dessas minhas amigas me trouxe um artigo de jornal falando que se procurava um educador para a Bienal de São Paulo. Estavam fazendo entrevistas. Só que eu não tinha nenhum pré-requisito. Eu não falava língua estrangeira, eu não fazia arquitetura, nem artes visuais. "Não tenho nenhum pré-requisito, mas mesmo assim vou tentar!" E fomos nós duas. Ela falava a língua estrangeira,

mas também tinha feito pedagogia. Fui entrevistada pelo [crítico de arte] Tadeu Chiarelli: “Stela, gostei muito de você, mas como é que eu vou contratar se você não tem nenhum pré-requisito?”. Nessa época, eu já fazia pedagogia na Unicamp. E ele falou: “Olha, tem um setor aqui, na Bienal, que trabalha com as escolas. Se eles gostarem de você e te contratarem, eu também te contrato. Aí, você faz o curso de história da arte comigo e, depois, trabalha com eles, no dia a dia.”

... para São Paulo

E foi o que aconteceu. Eles me contrataram. Então, me mudei para São Paulo para trabalhar na Bienal. E fiquei um ano. Foi maravilhoso. Aí, já comecei a trabalhar nas escolas. Ia às escolas periféricas, em bairros que eu não conhecia. Foi um desafio enorme para quem estava chegando em São Paulo. Quando eu saí da Bienal — trabalhei esse ano todo na Bienal —, foi uma maravilha na minha vida, o mundo se abriu para mim. Nessa época, eu tinha aula de artes com o [artista plástico] Guto Lacaz, que foi uma pessoa que no começo me ajudou muito, porque eu queria ser artista, mas não sabia como. Depois, comecei a ter aula com o [artista plástico Carlos] Fajardo. Mas eu precisava arranjar um emprego. Meus sobrinhos, filhos da minha irmã, estudavam no Vera. “Por que você não vai conversar com o Heitor [Fecarotta,

diretor geral]?” Me lembro da minha conversa com o Heitor como se fosse hoje. Era 1988, eu tinha 21 anos.

“Heitor, mas eu tenho uma viagem”. E ele falou: “Pode ir. Pode ir. Quando você chegar, você vem pra cá”. Aí, eu comecei. O Heitor falou: “Aqui é bom você começar como estagiária, mas como é que nós vamos fazer com a faculdade?”; “Ah, Heitor, mais pra frente eu retomo”. Então, comecei a dar aula como assistente do Maternal; minha coordenadora era Beth [Scatolin], que foi minha parceira o resto da vida. E comecei amando, porque o Vera tem um traço de profundidade, de fazer as reuniões com muito cuidado, com lentidão, é outro ritmo. Isso me causava um estranhamento e, ao mesmo tempo, um encantamento.

Em eterna (trans)formação

Às vezes, falo para as pessoas “Estudei 32 anos no Vera”, porque acho que foi isso, foi uma escola para mim. Depois, eu fui assistente do Jardim 2, mas queria mesmo era ser professora de Arte. Mas não tinha lugar como professora de Arte, então, falei: “Ah, Heitor, então, acho que eu vou embora”. Ele falou: “Bom, então, vai, depois... uma hora, quem sabe?”. Fui embora em julho. Em setembro, ele me chamou de volta, porque Laura Barbosa, que era professora, foi ter o terceiro filho. Foi uma maravilha

na minha vida, porque o Vera tem uma riqueza de história do trabalho com as artes muito grande. As mulheres que me antecederam eram muito maravilhosas.

O Vera tem uma característica de estar sempre em transformação, o que para mim foi sempre muito bom, pois nunca parei de estudar. A gente sempre estudou muito, tem uma inquietude, tem uma maturidade como instituição, mas tem uma inquietude que é jovem, que é uma escola que quer se transformar, melhorar, olhar para as suas potências e florescer, mas também olhar para os seus pontos fracos e enfrentá-los.

Dentro e fora do Vera

Acho que foi uma estrada muito bonita que a Instituição foi construindo, com as várias pessoas que estiveram presentes. É uma escola em que a gente fica muitos anos. Eu fiquei 32 anos, teve gente que ficou 40 e tantos. Isso é muito bonito. Tenho um amor pelo Vera, por todo respeito que eu senti com a minha trajetória também. Estando no Vera, fui fazendo muitas outras coisas, e sempre houve uma flexibilidade em relação a essas possibilidades. Trabalhei no Cedac, uma ONG que faz formação de professores, fiquei oito anos, viajando pelo Brasil inteiro. A gente teve que mudar meus horários, eles faziam um arranjo e

conseguiam. Depois, eu fiz uma viagem para o Japão, só para professores, e também deram um outro jeito. Sempre foi uma coisa muito de parte a parte, muito junta, de muita responsabilidade, mas de muita parceria.

Fiquei 14 anos no Espaço Itaú de Cinema (na época, Banco Nacional), fazendo ateliês com relatos de filmes. Estando ainda no Vera, fui diretora do Instituto Tomie Ohtake, por 12 anos. Fui curadora da Bienal durante seis anos. Saí de tudo e continuei no Vera, mas falava: "Heitor, acho que, quando os meus filhos saírem daqui, vou sair também". Os meus filhos saíram, e eu fiquei um tempão ainda, sentia que sempre tinha coisa para a gente fazer. Essa essência inicial, de muito idealismo, uma essência revolucionária, de olhar para o sensível da criança no momento em que o ensino era ultratradicional, essa essência de alguma maneira veio caminhando, e, com ela, outras necessidades foram surgindo do próprio mundo contemporâneo.

Sem arte, nada feito

Comecei no Verinha, na Unidade Dona Elisa; depois, com a Beth, na Alvilândia. A gente fez junto aquilo, pensou na arquitetura, em tudo. Nesses anos, tinha muita abertura, a gente foi muito a museus, a bienais, quando eu trabalhava lá — e quando eu não

trabalhava também. Artistas vêm à Escola, até hoje é assim. O Vera é muito ligado a essa relação com a produção de arte no mundo. Sinto que esse tempo que o Vera tem de formação das pessoas é muito maravilhoso e único. Já andei por muitas escolas particulares, públicas, depois dei muitas assessorias em vários lugares, e nunca vi essa qualidade de formação. Esse tempo empregado para a formação das pessoas, eu acho que é uma característica única, e sinto que as artes tiveram um papel importante, e têm ainda, nos diálogos, esses GTs [Grupos de Trabalho], por exemplo, das várias áreas do conhecimento. Acho que Beth foi uma figura muito revolucionária, ela teve um olhar!

Depois de dar aula, virei assessora de Artes, por muitos anos. Sentava com o Corpo Técnico para pensar na Escola. Então, esse lugar da arte na escola não é comum. Sempre teve uma abertura muito grande para as artes, e uma sensibilidade pra entendê-las. Heitor, Beth, Angela [Fontana, coordenadora], Stella [Mercadante, fundadora], os diretores que vieram depois, sempre tiveram esse cuidado. A gente tem ateliês em todas as unidades.

Com o passar dos anos, a área de Artes foi se integrando mais com as outras áreas. Para os mais novos, isso se efetivou. O trabalho conjunto, para pensar nos eventos, tem sido muito recorrente, de muita investigação parceira, de troca de ideias. Isso foi

se constituindo aos poucos. O Vera tem um caminhar vagaroso às vezes, uma característica de escola, diferente de instituição cultural, onde a gente caminha rápido, mas acho que deixa um lastro maravilhoso. E nos sábados em que a gente recebe as famílias, é sempre uma celebração do que está sendo estudado, um trabalho das várias áreas do conhecimento entrelaçadas.

As narrativas de cada um

Recentemente, fui convidada para ir à Unidade Alvilândia para falar com os pais sobre literatura, foi incrível o encontro, porque foi feito um trabalho ao longo do tempo. É um trabalho artesanal.

A lida com a literatura também é muito importante no Vera. Esse trabalho com literatura que eles vêm fazendo com as crianças pequenas tem sido muito relevante para elas entenderem as narrativas do mundo, mas as próprias narrativas também.

Eu sou autora de livros infantis e fui falar sobre como se faz um livro. Mostrei os bonecos, as várias versões, falei como é que se escreve o texto, mostrei o trabalho de Fernando [Vilela], meu companheiro, que faz as ilustrações. Depois, os pais, a partir de uma história que contei, fizeram livros com as crianças. E os

espaços, superlindos, arrumados com muita intencionalidade. São celebrações com as famílias, e sinto que são muito necessárias para você perceber que, para educar uma criança, você precisa de todo mundo.

O Binah é um ateliê do Fernando e meu, mas é um ateliê para muitas pessoas também. A gente tem uma programação nossa, faz produção de conteúdo. Agora, a gente abriu uma pequena editora e, ao mesmo tempo, presta serviços, faz formações de equipes de escola, de museus, de mediadores de literatura, que são as nossas áreas de atuação.

Sempre fui uma inventadora de histórias desde criança, mas trabalhei muitos anos com a [escritora] Regina Machado, como contadora de histórias. Quando me casei com Fernando, ele estava começando a ilustrar.

Ele que ficou me falando: “Stela, por que você não faz o livro das histórias que você conta? Acho que seria muito legal, porque isso vai chegar em outros lugares”. Agora, a gente tem 30 livros juntos, ele tem mais de 100, publicou com gente do mundo inteiro. E a gente começou essa pequena editora que tem quatro títulos, por enquanto. Três sobre educação e um livro ilustrado de arte e ciência.

Ir e sempre voltar

A minha despedida do Vera foi muito especial também. Foi linda! Angela organizou um almoço, Fabiana [Meirelles, coordenadora da EI] também fez uma cerimônia. Minha filha, na época, tinha uma banda de forró, e ela contratou a banda de surpresa para tocar para mim. Eu adoro vermelho, é uma cor que eu adoro. E todo mundo estava vestido de vermelho, com bandeiras vermelhas. Angela fez um álbum de fotos de desde que eu entrei no Vera até a minha saída, em várias fases, grávida, de todo jeito. Foi muito bonito!

Esses cuidados para mim foram fundamentais. Tenho uma relação muito profunda com essas pessoas, e acho que o Vera vem se transformando. Tem um chinês, Yi Fu Tuan, que fala sobre as materialidades do mundo. Ele fala que o mundo foi ficando muito liso, porque a gente foi plastificando para facilitar a limpeza, e diz uma coisa bonita: “As materialidades do mundo trazem os valores, trazem o que a gente acredita, porque se as materialidades têm uma certa organicidade, elas envelhecem com dignidade”, e eu sinto que o Vera vem envelhecendo com dignidade — ele não está velho, o Vera é um senhor. Está envelhecendo com dignidade, sabe? Eu, agora, vejo de longe, mas sou muito próxima dos professores

que me procuram. Tem vários professores que também trabalham no Binah, meu ateliê.

Claro que cada momento do mundo tem suas urgências. Uma pandemia, por exemplo. O que foi uma pandemia para uma escola? E o Vera lidou com isso de uma maneira linda. Esse espaço maravilhoso que eles construíram [a Unidade Vila Ipojuca], e, claro que, com as agruras, tem também as questões que vão surgindo. Acho que cada momento tem suas luminosidades e suas sombras. E eu que vivi muitos aqui, sinto que no cômputo geral tem sido muito bacana essa vida. É uma escola que tem muita integridade, nos modos de fazer as coisas, nos cuidados com as coisas.

Da Educação Infantil ao Ensino Superior

Dei aula no Instituto, sim, num momento muito bonito. Era engraçado, porque a Lucília [Bechara, fundadora] me chamava e falava: “Stelinha, você não vai acabar essa faculdade?”. E eu falava: “Ai, Lucília, uma hora vou, mas agora eu tô muito ocupada”. E comecei a trabalhar no Cevec como professora. Prestei vestibular e entrei, também não acabei. Daí, elas falavam: “Bom, a gente desiste, porque agora que a gente tinha esperança que

você ia acabar...” Madalena [Jalbut], que tinha sido minha coordenadora no Verinha, coordenava o Cevec.

Era um momento de pensar qual era a melhor maneira de trabalhar com os professores, como é que eles aprendem, o que era fundamental. Eram muitas reuniões para discutir os caminhos de formação. Eu vejo ainda muita potência no Cevec. Acho que a tendência é ser cada vez maior, porque realmente é uma escola no dia a dia. O professor que vê uma aula acontecendo, e o jeito como as professoras se dedicam e preparam o trabalho, é uma coisa impressionante. Quer dizer, aquilo está na alma das pessoas.

Uma usina

Vejo as exposições [do Vera], e elas têm um lastro da vida que veio antes de mim, mas têm a cara de quem está lá. Isso é muito bonito para um estudante de pedagogia, que vê o envolvimento das pessoas, um envolvimento diferente. Sei que ouvindo tudo isso parece “nossa, Stela tem um olhar meio Poliana”, mas não é. Você fica 32 anos em um lugar. Você vive agruras também. Vive embates. Vive questões. Mas quando eu olho para tudo isso, essas coisas ficam muito menores do que a potência que tem esse lugar, como uma usina mesmo, de fazer educação de qualidade, de ter diálogo com o mundo.

Então, é uma escola que dialoga com o mundo. A gente estudou muito, a gente viajou para estudar, porque os tempos eram outros, e a gente podia fazer isso naquela época. Nós fomos para Reggio Emilia [na Itália], fomos para a Argentina várias vezes; acho que também teve muito cuidado na formação das equipes da Educação Infantil, na Alvilândia e na Dona Elisa.

Filhos no Vera e no mundo

Tive a alegria dos meus filhos estudarem aqui. Eu acho que a gente se preocupa com a escola ser para todos. Heitor brinca comigo que a gente entra na educação por paixão ou por birra. Eu talvez tenha entrado um pouco por birra e, depois, fiquei por paixão, porque eu tinha muita dificuldade com a escola. Com a escola e com a universidade, achava muito chato. E sinto que os meus filhos reconhecem a maravilha do Vera. Ao mesmo tempo, claro, têm críticas também. A escola precisa dialogar com todas as maneiras de ser, e ter esse propósito é muito desafiador, porque a gente tem limites.

Reconheço muito o Vera nos meus filhos. Outro dia, a gente estava numa aula, e alguém perguntou o que aconteceu com as crianças que viveram todas essas coisas. Ficaram pessoas muito legais, pessoas que têm senso ético, têm um compro-

misso com o mundo. O Vera faz uma formação para a vida, e meus filhos puderam usufruir de muitas questões que o Vera foi trazendo. Esse diálogo com o mundo é muito efervescente dentro do Vera.

Um microcosmo chamado Binah

Eu comecei com o Espaço Binah antes de sair do Vera. Um grupo da Dona Elisa foi fazer um sarau. Foi a primeira vez que foi gente lá. Nunca tinha ido. E eu comecei o Binah, porque queria uma escala pequenininha. Eu, na Bienal, tinha equipes de quinhentas pessoas; no Vera, estava cuidando de muita coisa, da Alvilândia, da Dona Elisa, do Verão. Era muita coisa para mim. Também saí do Tomie Ohtake, onde eu comecei o educativo e, depois, também fiz muitos projetos. Queria uma coisa menorzinha.

Reinventar juntos

O Vera tem muito a celebrar. Fico pensando muito nos momentos da vida, a gente tendo que entender os fluxos de expansão, de contenção, uma coisa da vida mesmo, da vida das instituições, da vida da gente como pessoa.

Eu tenho muita gratidão, fico até emocionada. Porque, para mim, foi mesmo uma grande escola. Acho que sempre fui uma pessoa meio fora do padrão também, tanto na escola como na vida. E o Vera foi um "sim" para mim muito grande, nessas minhas loucuras de fazer exposição, de viajar, de fazer muita coisa diferente que não cabia numa vida linear, mas teve muita acolhida e muita abertura para inventar junto. O fazer junto é efetivo no Vera. E sou muito grata a Beth, porque ela foi uma mulher com quem tive embates, vivi coisas maravilhosas com ela, mas ela foi uma mestra, aprendi muito com ela. Com Heitor também. Pessoas que, quando precisava tomar decisões importantes na minha vida, ia falar com elas.

É muito engraçado, porque, agora, entro no Vera e fico horas beijando Leo, a moça da Secretaria. É uma relação muito constituída, muito construída por muitos anos. Sou muito grata. Desejo muito que a Escola encontre caminhos cada vez mais vitalizantes, entenda os fluxos do mundo, que vão mudando mesmo. Mas o Vera tem prática nisso, de se transformar, de se reinventar. Desejo longa vida ao Vera.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2023

